



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v28n01/2020p64-103>

## A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE PESCA DE ARRAIAL DO CABO: A REMEMORAÇÃO E MEMÓRIAS

\*\*\*

### THE CONSTRUCTION OF NARRATIVES IN THE TRADITIONAL FISHING COMMUNITIES OF ARRAIAL DO CABO: REMEMBERING AND MEMORIES

Manuela Chagas Manhães<sup>1</sup>

Recebimento do texto: 23/10/2019

Data de aceite: 20/11/2019

**RESUMO:** Nesse presente artigo, temos como objeto de estudo comunidades tradicionais e a relevância das narrativas orais para a manutenção e ressignificação de sua memória social e coletiva. Focamos na comunidade tradicional de pesca de Arraial do Cabo, no estado do RJ. Diante desse fato, é perceptível em nossas análises a reciprocidade entre os membros dessa comunidade, de maneira que, em tais comunidades seriam mais propícias a constituírem a memória social e coletiva e, assim, o sentimento que garante a sua organização social ainda que sofram modificações. Isso é possível por existir a “escuta compartilhada”, um processo de rememoração de histórias, lendas que se transformaram no dia a dia em contos passados de geração em geração, trazendo significado e pormenores dessa comunidade. Há a focalização de elementos comuns, assim como acontecimentos, fatos, que demonstram a relação entre as lembranças e suas representações do passado. Desse modo, Candau (2016, p. 470) afirma que: “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças”. Assim sendo, nas suas narrativas, encontramos presentes a memória hábito e memória lembrança articulando o seu modo de vida. Para esses sujeitos sociais, saber nomes, apelidos, saberes e transmitir suas histórias, seus mitos, lendas, valores, tradições seria conjugar o sentido de ser cabista, quem nasce em Arraial do Cabo, com denominadores comuns recheados de elementos culturais.

**PALAVRAS CHAVE:** Memórias sociais e coletivas; Narrativas; Conto da comunidade tradicional pesqueira.

#### ABSTRACT

In this article we have as object of study traditional communities and the relevance of oral narratives for the maintenance and resignification of their social and collective memory. We focus on the traditional fishing community of Arraial do Cabo, in the state of RJ. Given this fact, it is noticeable in our analyzes the reciprocity between members of this community, so that, in such communities they would be more conducive to constituting social and collective memory and, thus, the feeling that guarantees their social organization even if they undergo changes. This is possible because there is a “shared listening”, a process of remembering stories, legends that have been transformed into day-to-day tales passed down from generation to generation, bringing meaning and details to this community. There is a focus on common elements, as well as events, facts, which demonstrate the relationship between memories and their representations of the past. In this way, Candau (2016, p. 470) states that: “a truly shared memory is built and reinforced deliberately by triage, additions and eliminations made on inheritances”. Therefore, in their narratives, we find habit memory and memory memory articulating their way of life. For these social subjects, knowing names, nicknames, knowledge and transmitting their stories, their myths, legends, values, traditions would be to combine the sense of being a cabista, who is born in Arraial do Cabo, with common denominators filled with cultural elements.

**KEYWORDS:** Social and collective memories; Narratives; Tales of the traditional fishing community.

<sup>1</sup> Doutorado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2005). Atualmente tem se dedicado a pesquisa com os temas relacionados a linguagem, narrativas, patrimônio cultural e identidade cultural nas comunidades tradicionais da região dos Lagos, tendo como base o sentido de justiça e respeito mútuo como ponto central para a constituição do sentimento de pertencimento. Email: manuelacmanhaes@hotmail.com





## Introdução

Segundo Tedesco (2004, p.77-78) a ancestralidade e a historicidade de um grupo, comunidade são baseadas na reconstrução da memória coletiva. Dessa forma, o que representa essa comunidade é composto por simbologia; possibilita a ideia de continuidade, de significação atemporal. Isso é possível devido à relação objeto e sujeito no meio social, no qual o espaço, o local, permite que a memória, de maneira geral, seja funcional para a comunidade. Desse modo, a memória social e coletiva fornece maneiras de constituir recordações nas atividades, nas relações por meio das mais diversas narrativas que, ao serem lembradas, estarão presentes no imaginário coletivo, tendo um enorme valor simbólico.

Há objetos que assumem no imaginário coletivo um enorme valor simbólico (...) a prática social e cultural reenvia a capacidade da memória exteriorizar-se e objetivar-se, isto é, de tomar forma e sedimentar as representações sociais de um certo passado em determinados objetos, símbolos, artefatos culturais e comunitários. Os objetos da memória objetiva e subjetivamente, depende do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, ao mesmo tempo em relação de reciprocidade (TEDESCO, 2004, p. 80-81).

A própria formação de pescadores a qual ainda traz as tradições e os conhecimentos, saberes adquiridos pela oralidade é vivenciada na relação com a natureza e entre eles enquanto pescadores ou sujeitos envolvidos com a pesca artesanal. Isso permite a formação da consciência de si mesmo e (re) constituição da sua representatividade social.





Logo, o processo de socialização é realizado por meio da herança cultural, o que, por sua vez, permitiu e ainda permite que valores sejam rememorados e recontados nas suas narrativas intermediando as interações cotidianas. Essas ainda hoje são peças de um grande quebra-cabeça entre passado e presente e existência (sobrevivência) no futuro. É nesse aspecto que percebemos a importância da intersubjetividade na relação entre os sujeitos sociais. Essa intersubjetividade tem como alicerce um quadro de referências que ainda é desenhado pela memória social e coletiva. Por isso, a memória social e coletiva percorre o processo de socialização e/ou endoculturação e introspecção. Desse modo, poderão existir novas significações e representações preenchendo lacunas, as quais favorecerão a existência de novos sentidos e a constituição da consciência dos envolvidos por meio do contexto vivenciado pela comunidade na atualidade.

### **Transmicibilidade na comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo**

Segundo Berger & Luckmann (1985, p.62), O processo de socialização acontece porque há um acervo social de conhecimentos. Tal acervo inclui um conhecimento sobre a realidade social, assim como conhecer os limites que existem. Dessa forma, quando o indivíduo participa da vida cotidiana, ele está participando desse acervo de conhecimento, que permite a sua “localização” no grupo, na comunidade, além de permitir que ele exerça sua função social de maneira apropriada.





Isso se deve a um acúmulo de conhecimentos que são, primeiramente, selecionados e significados, para que sejam rememorados, narrados, repassados de uma geração para outra. Da mesma forma acontece com os códigos morais e estéticos e a formação da consciência de si mesmo para a vida comunitária.

Vivo no mundo do senso comum da vida cotidiana equipado com corpos específicos de conhecimento. Mais ainda, sei que outros partilham, ao menos em parte, desse conhecimento, e eles sabem que eu sei disso. Minha interação com os outros na vida cotidiana é por conseguinte constantemente afetada por nossa participação comum no acervo social disponível de conhecimento (BEGER & LUCKMANN, 1985, p. 62).

A partir dos pressupostos de Beger & Luckmann (1985), entendemos que essa comunidade de pesca artesanal traz em seu interior um acervo de conhecimento, que ao longo de sua história também passou por um processo seletivo e significador. Hoje, não seria diferente. Essa comunidade encontra-se no meio social sendo desafiada a todo instante. É colocada à prova diante de novos enfrentamentos. Há uma redefinição do seu acervo de conhecimentos e suas estruturas significantes. Nesse sentido, é factual que essa comunidade, para sobreviver ao tempo, reinvente suas tradições, seus elementos culturais. Porém, nessa reinvenção há a persistência de seu orgulho sobre sua própria formação, sobre sua memória social e coletiva. A forma pela qual essa memória social e coletiva é vivenciada no cotidiano possibilita a existência de estruturas significantes fundamentais para o reconhecimento comunitário ainda que haja as limitações como já foi demonstrado. O fato é que,



embora muitas vezes os conflitos internos existam, quando se trata de ser cabista, há o sentimento de pertencimento entre os membros dessa comunidade respaldados por tais estruturas significantes presentes na memória social e coletiva em torno do que a pesca artesanal representou no passado e ainda representa. E ainda, segundo a rememoração, é perceptível nas gerações mais velhas um grande lamento nas suas narrativas, como veremos no conto Shangri-lá, por ser um evento traumático, presente no cotidiano dos cabistas.

O fato é que pela relação dialógica e interação social o processo de socialização é praticado, tanto o primário quanto o secundário. A socialização forma o indivíduo a partir das sedimentações coletivas construídas historicamente e passadas de geração em geração. Conforme Bosi (1994, p.49), a socialização é um exercício que retoma determinados elementos, símbolos, gestos e palavras que os retoma até a fixação transformando-os em hábitos, em ações que estão dispostas no cotidiano, além de possibilidades de lembrar fatos, histórias e lembranças.

Dessa maneira, haveria a memória-hábito. Nas palavras de Bosi (1995, p. 49): “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural”. Entretanto, num outro extremo, haveria a memória pura formada pelas lembranças que compõem a ligação entre passado e presente. A partir dessa ligação haveria, então, “as ressurreições do passado” que se atualizam por meio da “imagem-lembrança”. Esta, por sua vez, “traz à tona a consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter, não mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória” (p.49). Neste aspecto haveria a



---

distinção da própria vida, uma vida dita como contemplativa e a outra, a vida ativa.

A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. A tipologia, vem, aliás, de longe: *vita contemplativa e vita activa* (BOSI,1995, p. 49).

A socialização é um processo compreendido a partir dos quadros sociais preexistentes no meio social (aquelas sedimentações coletivas) e a existência das memórias. Estas memórias são perceptíveis nas interações da vida cotidiana e ganham novos contornos, sentidos, significações. Bosi (1995), por conseguinte, retoma um dos clássicos da sociologia, Èmile Durkheim, ao afirmar que o eixo das investigações sobre “*psique*” e o “espírito” provoca um deslocamento essencial para o sentido das funções que são representadas pelas ideias dos seres humanos ao exercerem suas representações no interior do grupo por meio das relações sociais. Desse modo, haverá o predomínio do social sobre o individual<sup>2</sup> devido à alteração substancial dos fenômenos psicológicos como a percepção, a consciência e a memória. Isso se deve à formação daqueles quadros sociais e culturais que são condicionantes da socialização, tornando os atores sociais membros de um grupo, de uma comunidade específica e

---

<sup>22</sup> Tal fato pode ser considerado como base da teoria durkheimiana como definição do que são os fatos sociais. Neste aspecto Durkheim (1995) afirma que “os fatos sociais consistem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual lhe impõem” (DURKHEIM, 1995, p.20).



numa perspectiva macrosocial de uma sociedade. Segundo Beger & Luckman (1985, p.173):

(...) o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim (...) Sem dúvida, este assumir em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez assumido pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado. Em qualquer caso, na forma complexa de interiorização, não somente compreendo os processos subjetivos momentâneos do outro, mas compreendo o mundo em que vive e esse mundo torna-se meu próprio.

Nesse contexto, Bosi (1994) afirma que a memória é uma construção social e, como tal, tem uma importância fundamental para os envolvidos daquele meio social. É nesse ponto que a narrativa percorre a memória social e coletiva. Portanto, ela possibilita a definição de especificidades culturais formadoras de seus elementos culturais, bens culturais e, porque não, patrimônios culturais das distintas comunidades que transitam entre os envolvidos por meio da narrativa. Candau (2016, p.31), então, ressalta a importância da memória social, ao afirmar que esta é composta por um conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo, em nosso caso, por uma determinada comunidade. Já a memória coletiva seria





definida por lembranças comuns a um grupo, ou uma comunidade. Neste contexto, em nossa análise, compreendemos a relevância da junção do sentido de ambas, para que entendamos como tais imagens, lembranças e recortes, fatos e acontecimentos se tornam elementos significantes que integram os membros na vida social dessa comunidade tradicional.

Entretanto, evidenciamos que a memória não permanece inalterada, mas sim, ao longo da historicidade da comunidade na qual há vivências e experiências sociais compartilhadas. A memória social e coletiva pode, a todo momento, sofrer ressignificações e reinterpretações. Tais reinterpretações podem conter elementos da realidade social, mas também serão fictícias já que há um processo de reinterpretação que percorre o imaginário social individual e coletivo, possibilitando distintas conotações as quais são dadas pelos indivíduos envolvidos. No entanto, os elementos estruturantes significativos permitem a existência da significação e, por isso, compõem as particularidades da comunidade, em nosso caso específico na comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Isso se deve ao fato de tais elementos culturais serem compartilhados pela narrativa na dinâmica social, permitindo a constituição de sua representatividade e ressignificação.

### **Socialização e Rememoração**

Quando estabelecemos a relação da memória com o processo de socialização, é perceptível o papel de tais quadros sociais e culturais que são intermediados pela narrativa (BOSI, 1994, p. 53-54). O interessante na constituição desses quadros sociais e culturais é a constituição do







reconhecimento social (HONNETH, 2009) em suas distintas dimensões. Isso é evidenciado quando o indivíduo é moldado pela realidade vivenciada nas instituições sociais. Sendo assim, a memória do indivíduo depende de suas relações com a família, com a classe social, com os diversos grupos sociais com os quais convive. Em outras palavras, tais grupos são referências para esse ator social se tornar um membro da comunidade sendo reconhecido e reconhecente. A socialização, então, acontece tendo a memória e a linguagem como instrumentos decisivos. É por meio da linguagem que há aproximação dos espaços históricos e culturais, também permite a redefinição dos quadros sociais e culturais, além de permite uma relação de tempo, de causas e consequências, de motivações, que moldam e identificam os pensamentos, as ações e a forma de se conceber e conceber o outro nessa realidade social. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 59 e 67) argumenta que:

Entenda-se que não se trata apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, Isto é, não se trata de uma justaposição de “quadros sociais” e “imagens evocadas”. Mais do que isso, entende que já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada, trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem, logo, de filiação institucional. É graças ao caráter objetivo, transubjetivo, dessas noções gerais que as imagens resistem e se transforma em lembranças (...) Um dos aspectos mais instigantes do tema é a construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significados”, que dão material de base uma formação histórica própria, uma versão consagrada dos



---

acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história.

Nesta construção, a narrativa permite a relação dialógica e a convivência social. Partindo de tal afirmação, salientamos que o cotidiano é formado pelo contar histórias, preenchido pelas estórias e significações, tendo distintos narradores que fazem um trabalho colaborativo, inclusive no ato de rememorar tais histórias, hábitos, costumes, imagens-lembranças. Logo, a narratividade é um grande instrumento de integração entre os membros da comunidade. Por meio das narrativas, há o compartilhamento de imagens-lembranças de recortes dos elementos culturais materiais e imateriais, das historicidades e de suas vivências. Essas podem ser ressignificadas, a partir de representações que estão dispostas no cotidiano que, conseqüentemente, são redefinidas pelos narradores e, da mesma forma, pelos receptores.

É efetuada uma relação dialógica na qual há inferência do novo contexto da nova realidade social na constituição dos sentidos e das representações individuais. Neste aspecto, Bosi (1994, p.55) afirma que: “a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, *Halbwachs* amarra a memória da pessoa á memória do grupo”. Os elementos, símbolos, tarefas sociais, então, constituem tanto a memória-hábito quanto a memória lembrança (memória pura), e são fundamentais para a formação e co-existência das memórias social e coletiva, por pertencerem à historicidade da própria comunidade. Nesse contexto Reuter (2002, p.127) afirma que:



Antes de tudo, jamais algo é dito ou contado de maneira neutra. Toda palavra e todo enunciado correspondem a uma dupla escolha fundadora: escolha do que é dito, escolha da maneira de dizer. Nesse tocante, toda palavra, todo enunciado e toda narrativa portam vozes e intenções que os opõem potencialmente a outras palavras outros enunciados e outras narrativas. Portanto, o contar é sempre acompanhado de saberes, valores e efeitos.

Logo, compreendemos a narratividade como catalisadora entre os indivíduos e como a fonte de imagens-lembranças, objetos e significações que serão inspiradores, descritos e captados pelos sujeitos sociais através das relações sociais. O ato de contar permite a transmissibilidade de saberes, valores, lembranças, memórias que se ressignificam ao serem compartilhadas na interação social. Por outro lado, a memória seria definida também pelo seu caráter livre e excepcional. Isso define a fluidez da dinâmica social como processo definidor dos quadros sociais e da própria memória. Tal fato pode ser percebido na afirmação de Bosi (1994, p. 55):

O caráter livre, quase onírico da memória, é segundo *Halbwachs*, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais de hoje as experiências do passado. A memória não é um sonho, é trabalho (...) a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual.

Para Halbwachs (1990), cada memória individual pode ser considerada um ponto de vista sobre a memória coletiva, daí a relação existente com o caráter fundador duplo da narrativa de um enunciado ao



---

escolher o que é dito e como é feito.. Nesse sentido, a unidade é formada por múltiplos sujeitos sociais. Fazendo uma analogia a um novelo, Bosi (1994, p.413) descreve a interseção desses diversos pontos de vista como um ponto de convergência fundamental para a constituição da memória social e coletiva. Nas palavras de Bosi (1994, p. 413):

Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é o ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado.

Segundo Reuter (2002), há vozes nas narrativas, pois ao narrar estaremos contando histórias, fatos, com diferentes perspectivas e diferentes sujeitos sociais envolvidos. Isso se deve ao fato da percepção ter diferentes formatos e ser intersubjetiva, depende do indivíduo, o que permite a construção das distintas significações. Nesse quadro, a relação entre os envolvidos em seu interior colabora com as impressões que têm diferentes prismas e estarão sendo mediadas pelos narradores. A narrativa evidencia uma maneira de contar histórias; ela é percorrida pelas memórias individuais, as quais corresponderão às formas de interpretar fatos do passado no presente e sua relação direta com o cotidiano. Dessa forma, o ato de narrar é uma rememoração de fatos, acontecimentos que estarão no interior de um grupo, de uma comunidade; é o de ‘desenrolar fios de meadas’ (BOSI, 1994, p. 413). Funciona de maneira simbólica





diante de sua própria construção. O ato de narrar tem elementos objetivos e subjetivos que encarnam denominadores comuns dos diversos membros envolvidos e, por isso, tais elementos podem ser considerados parte integrante da vida social na comunidade e, conseqüentemente, fundamentais para a memória social e coletiva.

O fato é que todas as narrativas sejam elas orais ou escritas, pessoais ou coletivas, oficiais ou não-oficiais, são narrativas de identidades (ANDERSON apud ERRANTE, 2000, p.142). Nesse aspecto, Errante (2002, p.142) afirma que as narrativas são fontes da realidade social construídas historicamente, e que o narrador, por sua vez, comunica como ele se percebe, assim como percebe os demais e é percebido. Por conseguinte, o narrador alinha, por meio das narrativas, os grupos, ideais, valores e símbolos das suas representações externalizadas. Desse modo, há articulação das vozes narrativas à identidade; há articulação do narrador com o grupo e o meio em que vive (territorialidade).

Toda narrativa se inscreve em uma cultura. Nesse tocante, ela não remete apenas às realidades extralingüísticas do mundo, mas também a outros textos, escritos ou orais, que a precedem ou acompanham e que ela retoma, imita, modifica... este fenômeno é geralmente chamado de intertextualidade (...) (REUTER, 2002, p.167-168).

Já Maluf (1999) ressalta que as narrativas são pessoais, mas, no entanto, acontecem num espaço (ambiente/territorialidade) em momentos específicos da interação social, e este seria um dos motivos para podermos entendê-las como representantes do próprio *ethos* do grupo no



qual o ator social está inserido. Desse modo, ao falar de si, de suas memórias, recortes e lembranças, ou ainda, recontar histórias que trazem representações da própria comunidade, significa que o indivíduo recai na esfera coletiva. Assim, por mais que sejam experiências singulares e íntimas, ao compor a narrativa, o sujeito social traz um aspecto essencial da afirmação de si e da demarcação simbólica da identidade cultural, tanto individual quanto coletiva, constituindo pelos diferentes formatos narrativos o fenômeno da intertextualidade. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 414) afirma que:

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecermos, não basta que os outros testemunhem, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência.

É nesse contexto que compreendemos a origem da palavra memória, que está associada à Deusa *Mnemosyne*. Essa Deusa, conhecida como musa inspiradora e protetora das Artes e da História estaria no caminho dos seres humanos por permitir que eles se comuniquem uns com os outros, assim como tenham a recordação, possibilitando o sentido da sua existência entre seus pares. (LE GOFF, 2000, p. 21- 44). Complementando, Benjamin (1987) ao falar da deusa *Mnemosyne*, afirma que ela é considerada como a deusa da reminiscência e funda a cadeia de tradição que transmite os acontecimentos de geração em geração. Desse modo, há a constituição da herança cultural, a qual pode ser considerada como a base para a concepção do sentido de memória social e coletiva. Nesse sentido, entendemos a relação da memória e da narratividade.





Segundo Benjamin (1987, p. 211): “(...) ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstram todos os outros narradores”.

### **Memória Social e Coletiva e a Rememoração**

Quando entendemos a palavra memória, estamos afirmando que a memória permite o ordenamento do mundo antes de existirmos, ela permite que a vida coletiva seja organizada garantindo os modos de vida através de lembranças, vivências e compartilhamento de valores, rituais, tradições. Bosi (1994, p.66) salienta que a memória dos indivíduos é dependente do processo que leva à sua constituição. Sendo assim, seria um longo processo pelo qual há determinação do que permanece e do que significa. Entretanto, a permanência dos elementos estruturantes significativos não é do mesmo modo, ou seja, às vezes quase intactos, mas em outros momentos são alterados.

Segundo Bosi (1994, p. 55):

(...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito (...) por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.





Beger & Luckman (1985) afirmam que a construção social da realidade se deve à formação do indivíduo no meio em que vive. Por conseguinte, a formação do sujeito social é favorecida pela objetividade do que é transmitido e subjetividade pela interpretação que, por isso, ganha uma ressignificação. E há influência sobre o indivíduo pelas instituições sociais como a família, a religião, a organização da vida social, econômica e política, além de aspectos da própria vida cultural. A constituição da memória social e coletiva via a narrativa torna-se, assim, vivenciada pelos membros da comunidade existindo um primeiro reconhecimento entre eles intermediado por estas instituições. Nesse âmbito, há a constituição do elo entre os sujeitos sociais, o qual permite que eles se reconheçam como pares havendo o sentimento de pertencimento. Desse modo, por mais que haja diferentes formas de interpretar e representar a própria memória, individualmente, há pontos de interseções que traduzem a identidade cultural, seja de resistência ou/e de projetos do próprio grupo diante de uma nova realidade social.

Já Halbwachs (1990) nos diz que a memória não permanece inalterada, na verdade, a memória não reproduz de forma simétrica a imagem do que foi vivido do passado, ou seja, na verdade a memória é uma reconstituição, uma reprodução sobre o viés de pontos de vista e, por isso, também, ficcional. Dessa forma, a memória social e coletiva se constrói por meio da interseção dos sujeitos sociais ao se relacionarem uns com os outros. Isso favorece a doação de sentido na relação entre o narrador e o ouvinte; ao passado existente no consciente e inconsciente





dos indivíduos: a memória parte da relação com o presente e com a necessidade de conservação de histórias, ou seja, do que é narrado.

São tais questões que permitem a redescoberta e redefinição da identidade cultural. Sendo assim, a dinâmica vivenciada possibilita que haja um acervo de detalhes do experimentado, do observado, de histórias e de lembranças das realidades sócio-históricas culturais da comunidade tradicional em questão. Além disso, esse acervo permite que haja a constituição de suas representações alusivas e memorísticas. Tal perspectiva, no que se refere ao nosso objeto de estudo, é respaldada também em Pereira (2013, p.9) ao afirmar que:

As lendas, as crônicas e os contos que repousam nas fontes folclóricas do mundo maravilhoso e do mundo mágico em nossa terra, têm como origem a espiritualidade e a irreverência de um povo que vivia a beira mar com o sublime propósito de inserir valores literários na cultura de nossa gente (...) os contos engraçados eram passados para as pessoas da pequena colônia de pescadores de nosso quarto distrito, e seduziam, principalmente, as crianças pela forma teatral como eram narrados. Acredita-se que alguns fatos existiram, outros não passam de criações imaginárias de um povo espirituoso e participativo da história cultural e folclórica de Arraial do Cabo.

Segundo Benjamin (1987, p. 210-211), “a memória é a mais épica de todas as faculdades”. Logo, a Deusa *Mnemosyne* retorna à nossa reflexão, por ser ela a musa da narração. Benjamin (1987) salienta que a deusa da reminiscência permite a articulação de histórias. Nesse contexto, há articulação umas nas outras, do mesmo modo que há uma relação direta



---

entre o narrador “contador de histórias” e o ouvinte, já que quem ouve uma história, ainda que rememorada, não está só, mas sim em companhia do narrador. Logo, a partir da narrativa podemos compreender a existência da interação social e o seu papel na integração desses atores sociais. Assim, há a articulação daqueles elementos significativos e fatos manifestados à memória social e coletiva, presentes na realidade social.

A narrativa é um discurso e enquanto discurso demonstra sentidos entre os interlocutores. Isso significa dizer que ao usarmos a linguagem como forma de manter nossas relações dialógicas, há mais do que transmissão de informações. Segundo Orlandi (2002, p.15), a linguagem além de transmitir informações com o discurso, forma um complexo processo na constituição de sujeitos sociais e seus sentidos nos quais há identificação de tais sujeitos, há argumentações, subjetivações e construções da realidade social. Por isso, a linguagem permite que haja relações entre os sujeitos e os significados, assim como os seus efeitos múltiplos e variados provocados na organização social. Para Orlandi (2002), é inegável que o tempo todo, os sujeitos sociais estejam envolvidos com a linguagem e as possibilidades de interpretações. Isso se deve ao fato da narratividade trazer em seu bojo objetos simbólicos que podem ser interpretados ganhando sentido e representações no meio social. Nesse sentido, a linguagem traz consigo uma fluidez, um movimento de sentidos, diversidades e unidades, vestígios, trajetões, rememorações. Seja como for, esses movimentos representam o próprio ritual da palavra nas relações sociais, as quais compõem a capacidade do ser humano significar e significar-se. Nas palavras de Orlandi (2002, p.



15): “no trabalho simbólico do discurso está a base da produção da existência humana”.

Bosi (1994, p. 84-85), partindo dos pressupostos de Walter Benjamin, analisa o ato de narrar. Sua reflexão ressalta que haveria dois tipos de narradores. O primeiro seria aquele que “vem de fora e narra suas viagens” (84). O segundo seria aquele que permanece no seu lugar, na sua terra, ou seja, “conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita” (p.84). Assim, para Bosi (1994), o narrador vence a distância em distintos espaços, está no cotidiano, não apenas nos livros. Nas palavras de Bosi (1994, P.85): “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narrar da própria experiência e a transforma em experiências dos que o escutam”.

É nesse contexto que compreendemos as possibilidades de interpretações, de (re) significações e da constituição da memória social e coletiva pela relação dialógica. Candau (2016, p.70-71) afirma que, ao relacionarmos a memória e a constituição da narrativa, encontramos uma reorganização, uma articulação no fato de contar história. Tal articulação é baseada num processo de criação e interpretação que parte do processo mnemônico. Assim, nos remetemos ao redimensionamento da própria memória social, coletiva e individual nessa comunidade tradicional de pesca. Nessa redefinição, a comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo estaria realizando a articulação pela criação mnemônica. Logo, quando há o redimensionamento da própria memória social e coletiva, com a “apropriação do passado”, há a essência da história, pois o narrador retoma aos fragmentados contados e definidores da memória social e



coletiva ordenando tais fatos e elementos simbólicos com suas reinterpretações. Isso significa dizer que o narrador unifica os fatos e os torna coerentes.

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado o que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos os fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos (...) o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, suas experiências, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz (CANDAUI, 2016, p.70-71).

Nesse aspecto, encontramos os fatos ocorridos a partir da percepção de serem significativos no momento em que acontece a narrativa e a relação dialógica entre o narrador e o ouvinte. É nessa relação que intermedia a interação social que é possível vislumbrarmos a interpretação e a ressignificação dos elementos estruturantes significativos, compondo a historicidade de uma comunidade, assim como sua identidade cultural. Nessa relação, a narrativa sofre a ressignificação que pode enfraquecer ou fortalecer o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade. Em outras palavras, a memória social e coletiva apenas mantém-se forte quando as identidades culturais permanecem fortes. E ainda que sejam modificadas, há as representações identitárias nas imagens refletidas na linguagem que ordenam e refazem o mundo da



---

comunidade permitindo a autodefinição (ou autoidentificação). Portanto, nas palavras de Candau (2016, p. 71):

(...) restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações, reinterpretações constituem a trama desse ato da memória que é excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa (...) ele oferecerá, portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente.

Percebemos a importância da memória social e coletiva para a construção da identidade cultural e, conseqüentemente, da realidade social da comunidade pesqueira cabista. Nessa realidade vivenciada cada sujeito social se torna um narrador. Seriam versões de histórias rememoradas e interpretadas. Essas são de suma relevância para que os sujeitos sociais possam garantir a existência de seus elementos estruturantes significativos e do que isso simboliza no seu mundo. Tais elementos permitem a coesão do grupo por meio do que seria rememorar convergindo para o sentido da existência da memória social e da memória coletiva. Por conseguinte, Candau (2016) salienta que a constituição da memória nunca é puramente individual, pois existe algo definidor que é o meio social, o qual incorpora os sistemas simbólicos comuns ao grupo. Dessa forma Candau (2016, p. 77) afirma que: “A forma do relato, que especifica o ato de rememoração, se ajusta imediatamente às condições coletivas de sua expressão, o sentimento do passado se modifica em função da sociedade”.





---

Isso significa dizer que há a evocação<sup>3</sup> de fatos narrados, de maneira que haja comunicação entre os membros da comunidade. Salientamos que por mais que haja a articulação das relações sociais ainda orientadas por aquela memória individual, as distintas memórias (memórias individuais) partem de um quadro social. Segundo Halbwachs (1990), esses quadros sociais são tão invisíveis quanto o ar que respiramos e, por isso, se fazem presentes na vida cotidiana de todos os membros pertencentes ao grupo, à comunidade. Assim sendo, há um quadro social que é compartilhado pelos membros, o que permite as condições da abertura recíproca entre os envolvidos, a inter-relação, e, portanto, a confluência entre as memórias. Essa confluência é o eixo norteador para a constituição da memória social e coletiva, a qual está presente no processo de socialização possibilitando o reconhecimento social na dimensão comunitária por meio da cultura como um grande contexto.

Por isso, encontraremos particularidades que são refletidas entre os pares no seu cotidiano, nas histórias contadas e recontadas. Desse modo, as identidades culturais – como mencionado no segundo capítulo – representam, na verdade, uma maneira da comunidade resistir ao modelo homogenizador e dominante imposto pela sociedade (CASTELLS, 1999). Elas são estruturadas pelas particularidades da comunidade tradicional e, de certa maneira, fomentam a organização da consciência coletiva, quando há o reconhecimento social na dimensão comunitária e, assim, autoidentificação. Há, então, uma perspectiva que pode definir a

---

<sup>3</sup> Evocação, segundo Maurice Bloch (apud CANDAU, 2016, p. 49), implica em uma comunicação com o outro, e no curso desse processo, a lembrança individual, sem cessar, submetida às transformações e reformulações, perde seu caráter isolado, independente e individual.



identidade de resistência e de projetos na e para a comunidade, o que colabora para que haja o sentido de justiça social.

Em outras palavras, diante das significações e representações simbólicas, é perceptível a constituição e reconstrução da memória social e coletiva como possibilidade de sobrevivência do modo de vida, concebida pela autoidentificação. Dessa forma, o modo de vida teria redefinições mediante as novas urgências, desafios, experimentações, dificuldades e necessidades sociais compartilhadas pela comunidade tradicional. Além disso, há re-significações no ato de narrar seja oral ou escrito e, ainda, há possibilidade de organizar os fatos que estão sendo contados. Esses, por sua vez, passam a ser contemplados na comunidade como acontecimentos que constituem a memória social e coletiva e, conseqüentemente, a identidade cultural como perceberemos a seguir.

### **A Narrativa da Vila de Pescadores de Arraial do Cabo: Shangri-Lá**

Por escolher essa comunidade tradicional pesqueira, utilizaremos como fonte de análise o livro: “Arraial do Cabo seus contos e seus encantos”, organizado e documentado por Wilnes Martins Pereira. Tal livro foi o resultado de um trabalho etnográfico de coletar de informações de histórias orais organizadas pelo autor. Desse modo, esse livro realmente é uma fonte grandiosa de elementos estruturantes significativos na construção da memória social e coletiva e da identidade cultural da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Por isso selecionamos o conto Shangri-lá.





Nesse processo seletivo buscamos a compreensão da conexão entre representações do contexto sociocultural e os elementos estruturantes significativos, as particularidades narradas entre os membros da comunidade e sua rememoração. É perceptível a importância da relação da territorialidade, ancestralidade, meio ambiente e o sentido de comunidade tradicional; o desenvolvimento da pesca artesanal e sua definição; e as vivências experimentadas no cotidiano com determinação de funções e saberes, além das histórias e evento dito como traumático vivenciado na vila de pescadores. Entendemos, então, que esse livro é uma fonte de informação sobre a comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo. Assim sendo, podemos compreender como o aprendizado informal construído historicamente demonstra a relação do conhecimento espontâneo na composição dos seus saberes, sabores, valores, lembranças, divisão de papéis sociais, saberes e conhecimentos espontâneos mediante a formação da comunidade cabista.

Nesse conto, percebemos a possibilidade de compreensão da própria experiência da realidade narrada por diferentes interlocutores, de maneira que fica evidenciada a diversidade sequencial da narrativa (REUTER, 2002). Segundo Reuter (2002, p.128-129), isso significa dizer que na narratividade há componentes que são dissecados no texto no momento em que há a escolha das palavras, desenvolvimento dos personagens, as ações descritas entre outros. No entanto, esses componentes podem ser formados sob uma forma sequencial, na qual está presente uma maneira de organização própria descritiva, argumentativa, explicativa. Em outras





---

palavras, as histórias contadas podem alternar as sequências desenvolvidas. Nas palavras de Reuter (2002, p.128-129):

Esses componentes podem permanecer disseminados no texto (na escolha das palavras, das personagens, das ações, dos subentendidos...). Mas também podem ser formalizados sob a forma de sequências, dotadas de uma organização própria, passíveis de serem isoladas como tais. Assim, uma narrativa pode alternar sequências narrativas (com sua organização em cinco etapas), sequências descritivas (que desdobram as propriedades e as partes de um personagem, um lugar ou um objeto) ou sequências explicativas (caracterizadas pela construção de uma resposta sob a forma de explicação de uma questão implícita ou explicitamente formulada). Podemos ainda alternar seqências argumentativas (passando de uma tese contestada para outra, por meio de argumentos refutações, concessões...), seqências injuntivas (articulando ações por fazer ou por mandar fazer) ou seqências dialogais (caracterizadas por um encadeamento de réplicas sob formas de afirmações ou de perguntas-respostas.

Nesse sentido, ao compreendermos a importância da narrativa e seus diferentes formatos, há diferentes componentes que são fundamentais para seu desenvolvimento. No que se refere à relação dialógica entre os membros da comunidade encontramos diferentes sequências explicativas, argumentativas, dialogais e descritivas. Desse modo, há um grande acervo cultural que passeia em suas histórias recontando o seu modo de vida e, por isso, é um bem cultural, o que as torna, então, além de ficções por percorrer o imaginário social, uma fonte de elementos definidores do modo de vida, de vivências e memória social e coletiva, reafirmando os



elementos materiais e imateriais, bens culturais, e a constituição do sentido do patrimônio cultural dessa comunidade e da sua identidade cultural.

Segundo Azevedo e Júnior (2012), as diversas linguagens colaboram para revestir o espírito dos que com ela se relacionam. Desse modo, ao compartilhar a linguagem por meio de distintas narrativas, as interlocuções constituem sentidos e significados possibilitando a continuidade de representações, apreensão de valores e, assim, de patrimônio. Tais valores se exteriorizam nas ações dos indivíduos, membros da comunidade, determinando o que o indivíduo pode ou não fazer. Por conseguinte, percebe-se a associação existente entre a ideia de patrimônio cultural e a própria concepção de cultura como algo inteligível. Isso se deve à apropriação daqueles sentidos objetivos e subjetivamente definidos no meio social em questão.

Por conseguinte, encontramos nos contos organizados por Pereira (2013), de maneira geral, tradições, costumes, crenças, saberes, costumes. Há uma edificação do tornar-se humano sobre diferentes prismas, que são fundamentais e que caracterizam a cultura como contexto da comunidade pesqueira artesanal de Arraial do Cabo. Podemos dizer que é um patrimônio imaterial que permite aos sujeitos sociais conhecerem e se reconhecerem. Assim, em tais contos que foram “remontados” por Wilnes Martins Pereira, há uma narrativa que provoca o imaginário e traz uma espécie de visão de mundo, de estar no mundo, ao qual os interlocutores dessa comunidade se sentem pertencentes. A narrativa permite a escuta compartilhada, de maneira objetiva e descritiva entrelaçadas às questões subjetivas, permeando o processo ficcional por estar presente no



imaginário social e, ao mesmo tempo, trazendo elementos da realidade social. É uma escrita repleta de achados e perdidos que passeiam na memória social e coletiva.

A fim de demonstrar o que foi acima mencionado, aqui abordamos o conto: “Shangri-lá”. Este, por sua vez, é uma narrativa composta por características específicas da comunidade pesqueira cabista remontando uma base sequencial dialogal, argumentativa, explicativa e descritiva (REUTER, 2009). No conto, há elementos socioculturais e territoriais, além da questão dos saberes e da sua historicidade. Isso significa dizer que são perceptíveis às questões que envolvem a profissão do pescador e do desenvolvimento da sua percepção da pesca (descrição cultural: pormenores culturais). Do mesmo modo, o orgulho no que se refere aos encantos voltados para a natureza (descrição geográfica e territorial), ou seja, a exuberante beleza dessa região que tem o mar de águas azuis, claras; o conhecimento produzido pela observação do meio ambiente, como por exemplo, o vento que sinaliza o sinal de chuva ou de sol. Da mesma forma que a observação da maré e das correntezas forma saberes que direcionam a divisão de funções e são determinantes sobre local da pesca, pois demonstram por onde andam os cardumes. Nesse aspecto, Prado (2002, p. 127) afirma que:

Assim, quando conjugada com a palavra cabista, a palavra tradicional assume o significado de pertencimento a uma identidade que se orgulha de seu passado histórico; de ser descendente de uma imigração que remonta ao descobrimento; de pioneiros que desde o século XVI chegaram à terra dos Tupinambás para se





assenhorar e criar a primeira feitoria de pau-brasil, que acabou ficando, simplesmente, Brasil. Significa também sorrir vaidoso das belezas naturais de sua terra natal; saber contar naufrágios e casos de pirataria; conhecer os fantasmas da restinga por seus nomes; saber sobre as imagens das santas das igrejas e da organização de suas festas anuais; é saber fazer renda de bilros e identificar uma planta que pode ser tomada para libertar deste ou daquele mal físico; é ter comido pirão de peixe em panela de barro, cozido no fogão de lenha; é ter iluminado suas noites com lampião, em casinhas de pau-a-pique (...) é ter o sobrenome do próprio padrinho ou do padrinho do pai, é ser chamado no mínimo por um apelido e, ao rechaçar alguém, de preferência usar a via da acusação: “você tem o pé na Prainha”. Quando conjugada à palavra pescador, a palavra tradição já adquire outro significado, já não esboça nenhuma relação com a terra, mas apenas com o mar e com o ofício de quem vive de enfrentá-lo (...) ser pescador é exercer uma atividade tradicional à medida que foi a primeira profissão que os imigrantes tiveram, ou que puderam ter, por conta do isolamento em que viviam.

Nas entrelinhas há interpretações e ressignificações que provocam sensações e percepções nos envolvidos na sequência dialógica. Desse modo, a história é recontada, reinterpretada, reinventando a comunidade cabista. Nas narrativas, além da escuta compartilhada, desvelam-se os elementos da tradição misturados à realidade da vida social. Esta vem sendo preenchida por uma cultura referida às concepções da natureza, da pesca e suas funções, de um universo relacional, compondo um conjunto de práticas sociais dotadas de sentidos que são transmitidas pela linguagem. Hoje, a organização de suas histórias transmitidas pela história oral possibilitou a construção dos contos num livro.



Mas estes contos tomam forma na realidade social da comunidade cabista por envolver o cerne dessa comunidade: os pescadores e sua natureza relacional. Os pescadores, ou melhor, o exercício da pesca artesanal e o que os envolve (universos simbólicos, territorialidade, funções sociais e instrumentos) são base da identidade cultural e, por isso, alimentam a memória social e coletiva. Assim sendo, essa interlocução entre os membros da comunidade permite que tais elementos sejam descritos, narrados e, conseqüentemente, possam ser compartilhados favorecendo a autoidentificação do membro da comunidade, o que possibilita a constituição do respeito e autorrespeito, por comungarem tais elementos. Ou seja, a narrativa é socializadora e, por isso, formadora e mantenedora da memória social e coletiva, além da memória lembrança e hábito.

É inegável que, por meio da existência de tais narrativas, haja sequências descritivas, argumentativas e explicativas. Desse modo, tais sequências da narrativa permitem a redescoberta dessa comunidade tradicional pesqueira. Isso se deve ao fato das narrativas serem fontes de conhecimento que incorporam um sentido amplo dos aspectos culturais, territoriais e cotidianos. Compreendemos que tais narrativas demonstram particularidades culturais da pequena vila de pescadores artesanais de Arraial do Cabo. É perceptível que enquanto comunidades tradicionais, as especificidades encontradas em suas histórias representam o seu modo de vida, se diferenciando das outras comunidades tradicionais e grupos sociais.



Nesse conto intitulado Shangri-lá, existe um evento que é descrito através de pormenores, definidores da representação dos perigos que os pescadores sofreram ao descrever um evento traumático. Assim, para os membros daquela comunidade, a história narrada torna-se real, dissolvendo a fronteira entre o passado e presente sendo lembrada pelas diferentes gerações. Ao ser narrada há a “escuta compartilhada”. Isso significa que traz o sujeito, o ouvinte, o leitor para dentro do evento narrado, provocando suas emoções, interpretações e suas significações. Isso é mais evidente quando tal evento, parte da memória social e coletiva vinculadora do grupo, da comunidade, incluindo, assim, a dimensão participativa no ato de narrar.

Em tais histórias narradas, de maneira geral, além daqueles elementos significantes, há uma margem para diferentes simbologias que percorrem a socialização e provocam distintas conotações. Em *Sangri-lá*, por exemplo, há uma relação entre as lembranças doídas e sofrimentos causados à vila dos pescadores ao evento descrito como histórico. Esse conto é desenvolvido em torno de um evento traumático para a comunidade e, hoje, narrado como:

### **Shangri-lá**

“Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas.

O barco São Martinho, também denominado Shangri-lá, tripulado por dez pescadores, deixou o porto de Arraial do Cabo em uma tarde de junho de 1943.

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas à procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à





---

pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e, também, é claro, com a mãe natureza.

O mundo estava em guerra e a Marinha do Brasil provia algumas embarcações com rádio transmissor e um livro ilustrado com bandeiras de todos os países; a ordem era para qualquer embarcação, navio ou avião de guerra estrangeiro, visto em águas ou espaços do territorial brasileiro, emitir, de imediato, mensagem para terra, em uma frequência que o aparelho dispunha.

Certa noite, por volta de vinte e uma horas, surgiu, como por encanto, um barco de guerra que os tripulantes do Shangri-lá não sabiam distinguir sua nacionalidade. Era um submarino alemão identificado com as iniciais U-199, considerado o maior e mais moderno navio de guerra da frota de Hitler – “informações contidas nos anais da segunda guerra, segundo relatos da Marinha”.

O barco de pesca semi-iluminado por um candeio era assediado pelo submarino que fazia várias manobras com um canhão de 105 mm de um mero exercício de tiro ao alvo para testar o poder bélico dessa poderosa arma.

O mestre do Shangri-lá, impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca.

Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida às praias de Arraiá do Cabo. Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como HERÓIS DE GUERRA”.

(PEREIRA, 2013, p.130-132).

O narrador, ao contar a história do barco pesqueiro São Martinho, se volta para o acontecimento vivido pela comunidade e que, embora não tivesse, no barco, deixa subentendido as consequências desse bombardeio, doando sentido, emoções e representações para aquela comunidade. Isso possibilita identificarmos, na narração de histórias como essa, a utilização da oralidade, numa perspectiva memorística. Isso se evidencia em detalhes



como: “os destroços do pequeno barco retornaram às praias em Arraial do Cabo”. Portanto, os destroços possibilitaram que os membros da comunidade naquela época tivessem ciência do que tinha acontecido. Isso favoreceu uma relação entre as gerações no ato de “contar a história” de Shangri-lá. Isso ganha proporções enormes na comunidade por ser um evento traumático vivenciado por aquela comunidade na Segunda Guerra Mundial. Comunidade que vivia isolada geográfica e socialmente. Logo, a narrativa fomentará a constituição da memória social e coletiva por narrar tal “história”, mantendo-se viva com a ressignificação da memória social e coletiva.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo (PEREIRA, 2013, p. 132).

Hoje, com a documentação e organização de tais histórias por Pereira (2013), podemos perceber o que o conto Shangri-lá, especificamente, provoca nessa comunidade. Por ser um evento traumático, faz face às recordações vivenciadas por outras gerações, e que sobreviveu ao tempo, por constituir parte da memória social e coletiva. Agora com o registro, não mais composto apenas pela oralidade, o evento narrado permite uma reinterpretação, ressignificação por meio das sequências descritivas e explicativas. Há uma estreita ligação entre narrador e leitor, embora, seja um movimento solitário vivenciado pelo leitor, ao realizar uma introspecção sobre o evento traumático.





---

O mestre do Shangri-lá impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pescueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca. (PEREIRA, 2013, p.130-131).

Nesse âmbito, ao analisarmos os contos confirmamos nossa hipótese de que a narrativa é socializadora para quem a compartilha no dia a dia. Além disso, consideramos a narrativa como um instrumento revelador de uma cultura, pois ela possibilita conhecer os elementos culturais, que se edificam como contexto e são vivenciados pelos membros da comunidade. Desse modo, o detalhamento dos saberes produzidos ao longo da historicidade dessa comunidade, desde sua formação até a atualidade, permite que encontremos na constituição da herança cultural as tradições e os costumes. Há particularidades da identidade cultural da pequena vila de pescadores cabista. Por exemplo, evidenciamos a percepção desenvolvida pelo pescador dessa região sobre o meio ambiente havendo uma sequência explicativa de como forma o saber desse homem do mar: *“E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com mãe natureza” (Shangri-lá).*

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende



---

certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza (PEREIRA, 2013, p. 130).

Por meio das narrativas há concepção do que é ser pescador e como tais saberes permitem práticas cotidianas. Ultrapassam o aspecto objetivo da pesca, ganhando um sentido subjetivo do que é ser pescador para essa comunidade de pesca artesanal constituindo a identidade cultural coletiva. Saber o que significam os ventos, as luas, as tonalidades de azuis de suas águas, as marés, da mesma forma, os tipos de pescado, representa um conhecimento vivenciado que forma um legado para as próximas gerações. Tal saber é perceptível na sequência descritiva no trecho: *“Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul”* (Shangri-lá). Por isso, a narratividade e a memória social e coletiva são tão relevantes para a sobrevivência do modo de vida da pesca artesanal nessa comunidade.

Nessa narrativa mantiveram-se vivas determinadas lembranças que remontam à memória lembrança, além da memória social e coletiva. Entretanto, o que existe são retalhos de histórias e, por isso, retalhos de narrativas que descrevem os fatos que alimentam as subjetividades e rememorações. Desse modo, em tais narrativas compreendemos pormenores que estruturam um modo de vida que tem elementos estruturantes significativos que permitem que seus membros se reconheçam entre si. Tal reconhecimento, só é possível devido às narrativas serem “recheadas” de significações que são dadas por aqueles



que as compartilham. Na vila de pescadores cabista materializaram-se eventos como esse descrito em *Shangri-lá*, um evento traumático.

Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como HERÓIS DE GUERRA (PEREIRA, 2013, p.132).

Assim sendo, a narrativa provoca o imaginário e significações para quem o conhece e desemboca na realidade da comunidade cabista deixando a emoção, o suspense fluir. Do mesmo modo, suas recordações e lembranças são redefinidas na memória social e coletiva a qual, como já dissemos, constitui representações e subjetividades da historicidade cabista, entre elas, o bombardeio ao barco São Martinho na Segunda Grande Guerra Mundial.

## CONCLUSÃO

Nossas análises percorrem uma interpretação dos fatos históricos e dos elementos estruturantes significativos levantados. Tais análises, por meio da antropologia social, permitem que entendamos as particularidades descritas nas narrativas dessa comunidade pesqueira artesanal e suas possíveis ressignificações presentes na memória social e coletiva. Tais significados e ressignificações são formados por um conteúdo simbólico e saberes que as gerações anteriores passaram (e passam muitas vezes) para as gerações atuais. Logo, a partir de estruturas significantes, mediadas pela





linguagem, houve um processo de rememoração, que levou essa comunidade a se reinventar diante das adversidades. Por isso, evidenciamos em nossa pesquisa que há adequação da identidade de resistência e de projetos para vivenciar a realidade social.

A memória social e coletiva, embora seja uma grande colcha de retalho, traz interseções de experiências de vida objetiva e subjetiva em torno da pesca e suas nuances. Podemos afirmar que há uma grande relevância da memória social e coletiva e do processo de rememoração para a reestruturação da cultura local e novas possibilidades do reconhecimento social entre os membros da comunidade.

Ha relevância da integração das narrativas, do processo de rememoração e da constituição da memória social e coletiva, foram evidenciadas a historicidade e as particularidades da comunidade relatadas por Prado (2002), as quais foram favorecidas pela oralidade, por histórias contadas, lendas que percorrem o imaginário social e uma grande pesquisa etnográfica. Além disso, ao analisarmos o conto Shangri-lá percebemos que esta narrativa estão recheadas de rememorações que apontam alguns elementos estruturantes significativos.

Nossa reflexão foi facilitada, pois quando a narratividade toma formato de uma narrativa organizada num livro de contos, traz possibilidades de formação de um pequeno acervo cultural da comunidade tradicional de pesca de Arraial do Cabo. Assim, outros indivíduos podem ter contato não apenas com a história em si, mas também, possibilidades de conhecer novas culturas, novos fatos que trazem impressões subjetivas



e objetivas de realidades sociohistóricas diversas, como as da comunidade cabista.

Nas narrativas encontramos os elementos constituidores da memória social e coletiva da comunidade e o que a afeta, do que pode favorecer o fortalecimento do sentimento de pertencimento e, assim, do reconhecimento social comunitário. Podemos exemplificar alguns pontos essenciais presentes nos contos analisados. Por exemplo, *Shangril-lá* simboliza os perigos, os saberes daquela comunidade e foi construído em torno de um evento traumático acontecido no barco que tinha o nome do conto: *Shangri-lá*.

## Referências

- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BENJAMIM, Walter. *Magia, técnica e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 3.ed. Editora Brasiliense. São Paulo: 1987.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A constituição da memória: uma perspectiva histórico cultural*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural - Recursos que acompanham o crescimento das cidades*. SP: Saraiva, 2006

DIEGUES, A. C., Planejamento e Gerenciamento Costeiro: Desenvolvimento Sustentado, Gerenciamento. São Paulo. Ed. Ática. 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos e ARRUDA, Rinaldo S. V. (orgs). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, 1995.

ERRANTE, Antoinette. *Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar*. In: História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.8, set, 2000, pp. 141-174.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª. Edição; RJ: LTC, 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2003.

HONNETH, Axel. *Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad.: Luiz Repa. SP: Editora 34, 2009, 2ª. Edição.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª. Ed. Revista; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LEROY, Jean Pierre. *Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável*. In: A geografia política do desenvolvimento sustentável. Org: Bertha K. Bercker e Mariana Miranda. Rio de Janeiro: Editora UEJ, 1997, págs: 251-272.



LIFSCHITZ, Javier Alejandro et al. *Neocomunidades: reconstruções de saberes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. *Comunidades tradicionais e neocomunidades*. RJ: Contra Capa, 2011.

MALUFF, Sônia Weidner. *Antropología, narrativas e a busca de sentidos*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, dez. 1999, p. 69-82.

MONTENEGRO, JORGE. *Povos e comunidades tradicionais desenvolvimento e decolonialidade: articulando um discurso fragmentado*. In: Revista OKARA: Geografia em debate, v.6, n.1, p. 1630174, 2012, João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB.

MOREIRA, Eliane & PIMENTEL, Melissa. *O direito à autoidentificação de povos e comunidades tradicionais do Brasil*. In: Fragmentos de cultura; Goiânia, v.25, n.2, pp. 159-170, abril-junho, 2015.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª. Ed, 2002.

PEREIRA, Wilnes Martins. *Arraial do Cabo seus contos e seus encantos*. RJ: Hoffmann Editora, 2013.

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudanças sociais em Arraial do Cabo*. Niterói: EdUFF, 2002.



---

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. SP: Martins Fontes, 1997.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*.

Rio de Janeiro: DIFEL, 2002 (Enfoques, Letras).

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2ª Ed., 2012. 51-57.

TEDESCO, João C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF, 2004.

\_\_\_\_\_. *Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nono*. 1ª. Ed. Porto Alegre: EST, 2001.